

ATRAVESSANDO UMA LINHA DE SOMBRA: UMA APROXIMAÇÃO AO DESCONHECIDO¹

CROSSING A SHADOW LINE: AN APPROACH TO THE UNKNOWN

CRUZANDO UNA LÍNEA DE SOMBRA: UNA

APROXIMACIÓN A LO DESCONOCIDO

Camila Mangolim Berlino²

Paulo José da Costa³

Resumo: O que se viverá na situação analítica entre um paciente e seu analista, embora submetido a regras específicas, será sempre desconhecido. Isso pode ser ao mesmo tempo apavorante e instigante. Muitos autores falam sobre esse encontro; aqui, baseou-se principalmente em Bion e buscou-se o auxílio da literatura para que se pudesse aprofundar o entendimento do que se vive em tal situação. Pensou-se em uma travessia não apenas com características desconhecidas, mas através do Desconhecido. Assim, buscando uma aproximação possível desse fenômeno com a clínica psicanalítica, temos como objetivo no presente trabalho analisar a ideia de Desconhecido, a qual está presente no fazer psicanalítico. Tomamos o encontro com a literatura na análise do livro *A linha de sombra*, de Joseph Conrad, como um recurso para ilustrarmos e buscarmos ampliar a discussão. Aproximou-se da ideia de encontros que demandam desconstrução para que novos arranjos e mesmo criações inéditas possam emergir.

Palavras-chave: Desconhecido. Psicanálise e literatura. Clínica psicanalítica.

Abstract: What will be lived in the analytic situation between a patient and his analyst will always be unknown, although subjected to certain rules. This can be both frightening and thought-provoking. Many authors discuss this meeting; this paper is based mainly on Bion and counted on the literature to seek a deeply comprehension of what is lived in such a situation. It was thought of a crossing not only with unknown characteristics, but through the Unknown. Searching for a possible approach of this phenomenon with the psychoanalytical clinic, we aim in this study to analyze the idea of the Unknown, which is present in the

¹ Trabalho derivado da dissertação de Mestrado, intitulada "Navegar pelo Desconhecido: contribuições da literatura e da psicanálise", defendida pela primeira autora no Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Estadual de Maringá, e orientada pelo segundo autor.

² Psicóloga clínica, mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, docente do curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Contemporânea da Faculdade Cidade Verde e da Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá. E-mail: camangolim@gmail.com

³ Psicólogo clínico, doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: pjcosta@uem.br

psychoanalytic practice. We took as a resource the encounter with literature in an analysis of Joseph Conrad's book The line of shadow in the attempt to illustrate and to extend the discussion. There was an approximation with the idea of meetings that demand deconstruction so that new arrangements and even new creations can emerge.

Keywords: Unknown. Psychoanalysis and literature. Psychoanalytic clinic.

Resumen: Lo que se vivirá en la situación analítica entre un paciente y su analista, aunque sometido a reglas específicas, siempre será desconocido. Esto puede ser a la vez aterrador e instigador. Muchos autores hablan de este encuentro; aquí, nos basamos principalmente en Bion y buscamos la ayuda de la literatura para que podamos profundizar nuestra comprensión de lo que se experimenta en tal situación. Se pensó en un cruce no sólo con características desconocidas, sino a través de lo Desconocido. Así, buscando una posible aproximación de este fenómeno con la clínica psicoanalítica, nuestro objetivo en este trabajo es analizar la idea de lo Desconocido, presente en la práctica psicoanalítica. Tomamos el encuentro con la literatura en el análisis del libro La línea de sombra, de Joseph Conrad, como recurso para ilustrar y buscar ampliar la discusión. Abordamos la idea de encuentros que exigen deconstrucción para que surjan nuevos arreglos e incluso creaciones novedosas.

Palabras clave: Desconocido. Psicoanálisis y literatura. Clínica psicoanalítica.

O INÍCIO DE UMA JORNADA

Apresenta-se uma imagem cotidiana da clínica psicanalítica. Um paciente chega ao consultório de seu analista. Está ali, imbuído de suas emoções e cheio de marcas de sua história de vida. Há anseios. Existe algo que o motivou a buscar um processo de análise. Algo que possivelmente não seria mais suportado da maneira que estava. Mas pairam os medos, de frustração, de reprovações, de julgamentos, da mirada de um olhar vazio ou descontraído, por exemplo. Há também o desejo do encontro. Compõe essa cena também o analista, que carrega em si um arcabouço aberto e inacabado de teorias e técnicas, mas está, antes de tudo, impregnado por sentimentos e imerso em sua própria história. Tem também seus medos, incertezas e inseguranças, pessoais e profissionais.

Assim é possível pensar no encontro entre um paciente e seu analista. Trata-se de um encontro entre duas pessoas. Ambos trazem suas bagagens, mas nenhum dos dois sabe exatamente o que acontecerá. Nem o que virá do outro, tampouco o que será despertado em si. Esse é um mistério da clínica, que pode ser ao mesmo tempo instigante e assustador. Afinal, o encontro entre um analista e seu paciente é marcado pela incerteza. E quando o encontro realmente acontece, quando cada um pode deixar seu solipsismo e ter trocas com o outro, algo pode revelar-se, modificar-se e se produzir. Este movimento existente na clínica psicanalítica é profundo e podemos pensar que só é possível se ambos, analista e paciente, se permitem estar na presença um do outro e se podem mergulhar em mares desconhecidos.

Pensar no encontro e na jornada que se passa na clínica assemelha-se a pensar no que foi vivido pelos navegadores que exploraram os mares. Quem ousou lançar-se a essas águas, com sua nau, bússola e tripulação, mas sem saber ao certo o que encontraria, era certamente detentor de muita coragem.

ARTIGO

Mas é provável que também lhes assustassem as histórias do canto das sereias, da planificação do mar, os abismos que poderiam encontrar em suas extremidades, dentre tantas outras histórias fantásticas a respeito dos monstros e perigos dessa jornada. Tais ilustrações, ao lado de tantas outras possíveis, trazem alguma figurabilidade para o que se vive em uma sessão de psicanálise. Como pode então a dupla analítica atravessar mares desconhecidos, sem paralisar diante de seus medos? Como é possível transcendê-los e alcançar o novo, o criativo?

Não há receita ou resposta exata que solucione tais questionamentos. Há, porém, tentativas de aproximação, aprendidas através da experiência e que são divididas por diferentes autores. Pode-se lembrar aqui de Bion (1990). Ele fala acerca do desconhecido, dos perigos e angústias que este pode despertar. O autor conta a fábula do Cemitério de Ur, na qual o rei da cidade teria sido enterrado junto de toda a sua corte, com todos vestindo os mais finos ornamentos. Séculos depois ladrões teriam saqueado tais riquezas. Afirma que da mesma forma que os ladrões possivelmente sentiram medo ao romperem as tumbas, guardadas por sentinelas fantasmagóricas, também os psicanalistas sentem-se assombrados ao se aproximarem do inconsciente, ou seja, do que não se conhece (Bion, 1990).

Considerando que uma abertura a esse desconhecido poderia realmente propiciar o que se entende por expansão em psicanálise, Bion (1990) propõe então uma técnica aos analistas, a redução dos sentidos, tendo como norte a ausência de desejo, de memória e de compreensão no momento de uma sessão de psicanálise. Para ele, o acesso ao desconhecido é o que importa e este é infinito, escuro e informe. Sendo sua apreensão algo impossível, Bion (1974) propõe que através de determinada disciplina é possível estar no desconhecido. Trata-se de um trânsito pela escuridão. E aqui cabe lembrar que não somente os analistas, com seu arcabouço teórico e técnico, são capazes de atravessar mares assim tão nebulosos. Também os artistas possuem este dom, de se aproximar e transformar o inapreensível, de criar, como os escritores criativos, que são capazes de transitar muito antes por espaços que os psicanalistas ainda ensaiam percorrer (Freud, 1996b). Portanto, falar do misterioso desconhecido pode ser feito não apenas com a ajuda de experientes psicanalistas, mas também com a ajuda das artes. Nesse sentido, julgamos que uma boa obra para se pensar esta travessia é *A linha de sombra*, de Joseph Conrad (2003), como veremos a seguir.

O convite agora é para pensarmos o que se passa nas sessões, na dupla analista-paciente, nesta travessia, para que algo criativo possa surgir. Para tanto, é necessário adentrar o desconhecido com a ajuda de Bion, de autores correlatos e também de Conrad (2003), de modo que possamos fazer a nossa jornada na construção destas reflexões, com o propósito de analisar a ideia de Desconhecido, presente no fazer psicanalítico, utilizando-nos da obra literária acima indicada como um recurso para ilustrarmos e buscarmos ampliar nossa discussão.

O DESCONHECIDO

Destacamos que, na parte apresentada acima, por vezes a palavra “desconhecido” foi empregada como uma qualidade, mas culminou por ganhar um artigo enunciando-a, passando a ser o desconhecido, um substantivo. Compreender esta passagem é muito relevante aqui. De um simples encontro com características incertas e inéditas, portanto desconhecidas, passamos a falar de um encontro atravessado pelo desconhecido. Isto porque o desconhecido

aqui não se refere às características de novidades apenas, engloba mais. Trata-se de toda uma dimensão presente nas sessões em que se propõe fazer psicanálise. Sim, um encontro analítico não é (ou ao menos não deveria ser) como outros encontros quaisquer.

Emolduradas por algumas regras que demarcam um tempo, um espaço, pautadas invariavelmente na abstinência do analista, as sessões de psicanálise favorecem o aparecimento da transferência-contratransferência; mais ainda, das trocas de identificações projetivas. Isso não possibilita apenas que se revele algo que sucumbia às forças encobridoras, nem somente que se reorganizem as partes que ali se encontram, tornando possíveis novas configurações ou metabolizações; suscita-se, especialmente, um campo de intensas trocas, em que novas configurações e representações podem ser criadas.

É interessante aqui pensar com Bion (1974) no conceito de O, signo circular representando o infinito. Para o autor citado, existe uma dimensão não apreensível, mas como ele diz, é do infinito, escuro e informe que algo evolui. Tal dimensão seria como o negativo de um rolo de filme fotográfico, de onde tudo se revela. Com características tão distintas, não pode ser alcançado pelos sentidos humanos, não é passível de representação.

Assemelha-se muito, portanto, à ideia de Real trazida por Trinca (2012). Trata-se de uma dimensão não habitável, dotada da ausência de representações. Em consonância com Figueiredo (1993), pensa-se no encontro com o Real como disruptivo, haja vista que irrompe e desorganiza tudo o que estava posto. Tal encontro é também enigmático, irrompe como que à espera de uma tradução. Não uma tradução para a qual já haja elementos; todavia, demanda a criação de novas histórias que possam traduzir o que se apresenta. Assim posto, este encontro com o Real não exige apenas um desvelar, como também a criação, a (co)construção. Assim seriam as características de um encontro em uma sessão de psicanálise, quando da proximidade com o objeto analítico. A antiga realidade, verdades e crenças caem por terra, desconstroem-se, para que o novo possa surgir.

Uma clássica alegoria que pode aqui ser útil para que se compreendam tais pontuações é a história de Édipo, de Sófocles (2008a). O jovem Édipo possuía uma crença a respeito de quem ele era, que o impeliu a deixar a sua cidade e ir a um encontro fatídico com o destino. Apesar de muitas vezes ter a própria crença questionada ao longo da saga, a arrogância o impedia de refletir, porque existia uma verdade insuportável, incapaz de ser contida na mente do herói. Contudo, ele seguiu em busca da verdade e quando pôde finalmente entrar em contato com ela, sucumbiu. Cegou-se. Mas tal cegueira, conforme Sófocles (2008b), pareceu transformar-se e adquirir características semelhantes ao cegar-se proposto por Bion (1994a). Um sentido foi perdido para atingir um sentir mais verdadeiro, em um uníssono com uma realidade antes não apreensível aos olhos humanos. Usando as lentes bionianas pode-se pensar que nas clássicas peças trágicas, Édipo precisou mergulhar no desconhecido para poder encontrar-se consigo próprio. E esta trajetória não se deu sem dor, sem desconstrução, sem mudanças.

Tendo em mente esta ideia de uma dimensão ontológica, como O e como a ideia de Real, para que se refira a este desconhecido de que aqui se trata, propomos a sua grafia com letra inicial maiúscula, Desconhecido (cf. Berlino, 2017). Embora tenha características muito semelhantes com O e com o Real, a ideia de Desconhecido aqui apresentada pretende guardar algumas

características próprias. A ideia de uma realidade última, da qual toda a vida emana, pode incorrer no risco de conter em si características deterministas, pode remeter à ideia estruturalista de que o que se passou com um ser humano em seus primeiros anos de vida determinará sua personalidade e toda a sua história, em vez de influenciá-la ou de marcá-la fortemente.

Propomos que se pense aqui com fluidez, quiçá que se abra para a compreensão dos pensamentos complexos. É possível que se considere uma realidade transcendente e suas emanações tal qual se pensa em marcas profundas deixadas no psiquismo nos primeiros tempos da infância e na formação inconsciente de alguém. Mas é indispensável que se prossiga. Quando Trinca (2012) e Figueiredo (1993) trazem a ideia, por exemplo, de um encontro disruptivo com o Real demandando a criação a posteriori de novas histórias que traduzam enigmas a priori, está presente aí a ideia de uma relação dialética, não apenas de emanação de uma realidade última, mas de (co)construção de realidades. É neste sentido que a concepção de Desconhecido caminha. Pensamos, a partir da ideia de pensamentos complexos (Chuster, Soares, & Trachtenberg, 2014), que um processo analítico abarca não apenas o representado e o não representado, mas também o novo, jamais antes imaginado, com múltiplas dimensões.

A TRAVESSIA

Como seguir por este Desconhecido? É a questão que aqui ressoa. Pensando nas teorias psicanalíticas, voltamos aqui o olhar para a proposta de Bion (1990): sem memória, sem desejo e sem compreensão. Bion (1990) parte, como já dito, da ideia de que a dimensão desconhecida não é passível de apreensão. Assim, imagina-se alguém que abre os olhos na escuridão e necessita de um tempo até suas pupilas se acomodarem, para que aos poucos os objetos comecem a ser distinguidos. Neste caminho vem a proposta da diminuição dos sentidos.

Parece bastante controversa a ideia de se abster de memória, de desejo e de compreensão. Mas reflexões importantes podem ser feitas aqui a respeito. Quando fala de memória, por exemplo, Bion (1990) refere-se à ideia de uma espécie de arquivo de fatos. Estes não são necessariamente fidedignos, pois cada vez que se recorda algo, a memória dificilmente será a mesma, pois é enganosa (Bion, 1990). Tende a ser evocada e a forçar sua presença em momentos nos quais a experiência emocional do presente parece desconfortável. Trata-se de uma espécie de fuga do aqui e agora da sessão. Mas pareceria estranha uma sessão de psicanálise sem passado, sem história. Rezende (2005) refere-se ao uso das recordações, em vez das memórias, durante as sessões. As recordações seriam, por sua vez, evoluções a partir da realidade sensível, denotam a experiência emocional da dupla. Estas seriam aliadas do par analista-analisando.

Outro ponto é a ideia de manter-se afastado dos desejos (Bion, 1990). O analista precisa se abster dos desejos de cura de seu paciente, de término de um período de análise ou de uma sessão. Enquanto a memória seria uma fuga do aqui e agora da sessão para um passado enganoso, o desejo também teria características de fuga pela antecipação de um futuro, também não existente e imprevisível.

A última proposta de Bion (1990) é que o analista evite a compreensão. Ora, se o Desconhecido é o que importa em uma sessão de análise, o que o analista já sabe é irrelevante, pois a ideia de compreensão envolve um domínio do saber, compreender. Nesta direção, estaria relacionado a uma dimensão de posse dos sentidos, o que contraria a ideia de estar em O, de evoluções e transformações.

Com esta técnica sugerida, a ideia é captar o que verdadeiramente se passa com a dupla, no campo analítico, no aqui e agora da sessão. Entretanto, esta proposição é bastante difícil e enunciada como dolorosa, mas assemelha-se também a um estado meditativo.

Bion (1990) apresenta a ideia de que no escuro está o caos, sendo necessária uma mente continente para que este caos possa se ordenar. Precisa haver aí a transformação de elementos primitivos e desordenados em elementos absorvíveis e organizados, pensáveis. Para tanto, é preciso que se desenvolva um aparelho que pense os pensamentos, e isto se dá na relação com o outro, um cuidador que desempenhe uma função de continência (Bion, 1966a).

Aliás, para que se conceba um trânsito pelo Desconhecido, pensamos ser basilar que haja um vínculo de amor e gratidão, nutritivo e esperançoso, com o ser humano possuindo uma necessidade básica de vincular-se com os outros. Tal ligação é fundamental não somente para a constituição do sujeito, para a sessão de análise, mas sobretudo para o processo criativo. Bion (1966a) afirma que os pensamentos existem a priori, mas é fundamental que se desenvolva um aparelho para pensá-los, e isto só se dá a partir de vinculações afetivas. Para Winnicott (1975), o espaço criativo é o transicional, que se desenvolve como um espaço imaginário paradoxal entre o eu e o outro. Assim, o que se vincula para que possa haver mundo interno, subjetividade e pensamento é o eu e o outro, ainda que se trate de um eu incipiente, indiscriminado do outro.

A TRAVESSIA POR UMA HISTÓRIA

Com este sobrevoo por alguns aspectos da teoria e técnica psicanalítica, que auxiliam na compreensão do atravessamento pelo Desconhecido, vale agora adentrar o universo das artes em busca de uma apreensão desta passagem.

Joseph Conrad (2003) publicou o livro considerado sua última obra-prima, *A linha de sombra*. Trata-se da narrativa em primeira pessoa da história de um jovem marinheiro que assume inesperadamente seu primeiro comando. O autor não se restringiu a narrar uma aventura, mas conferiu à obra um forte tom introspectivo, deixando o leitor atento não apenas às turbulências externas, mas especialmente àquelas que acontecem em uma dimensão subjetiva, conduzindo o leitor num mergulho no mundo interno do protagonista, tocando e sendo tocado pelos sentimentos dele; enfim, é a história de uma travessia, conforme segue a síntese.

Um jovem marinheiro tinha uma promissora carreira e ocupava um bom cargo em um navio. Sentia-se, porém, em situação de marasmo e enfado, não via sentido em suas escolhas e em seu trabalho. Então, pediu demissão, decidindo voltar para casa, sem certeza do que realmente desejava. Estando desempregado, sem saber o que fazer, o jovem se hospedou na casa dos oficiais marinheiros, à espera de um navio que o levasse de volta para casa. Não tinha ideia do que faria quando lá chegasse. Então, encontrou-se com o Capitão Giles, perito de navegação intrincada, consultor de tais assuntos. Nesse encontro, ele percebeu o embaraço em que se encontrava o jovem rapaz. Notou também uma trama que acontecia naquele local. Tratava-se do desvio de uma carta de convocação, destinada ao jovem. Ele alertou o rapaz, que a princípio tomou tal atitude como uma intromissão, mas logo teve um impulso para desvelar o que havia ali.

ARTIGO

Era uma convocação da capitania dos portos. O marinheiro seguiu de tal maneira apressado para ver do que se tratava que foi em seu caminho se dando conta de que dizia respeito a algo muito importante: era o chamado para assumir o comando de um navio. O primeiro comando dele. O jovem aceitou a convocação, quase que impulsivamente. Tudo se deu de maneira bastante apressada e o rapaz foi ao encontro do navio destinado a ele. O clima da trama passou então de um marasmo misterioso para uma grande euforia. Existiram alertas para atenção a futuros problemas, mas como ele poderia se importar? Estava prestes a assumir o seu primeiro comando. O encontro entre o jovem e seu navio teve pinceladas de um amor à primeira vista.

Mas este navio estava há tempos atracado, em um porto pestilento. Ares de mistério envolveram a trama neste ponto. Contudo, a narrativa deixa claro que não se tratava de algo sobrenatural e sim de mistérios da humanidade. Isto é, por algum motivo pessoal, o antigo capitão não conseguia partir e faleceu nessas condições. Assim, a tripulação aguardava um comando que a pusesse a navegar.

Havia no navio um homem franzino, o Sr. Burns, primeiro imediato, que esperava se tornar o novo capitão. Mal pôde acreditar ao ver um jovem chegando para ocupar este lugar que tanto almejava. Nesse momento, o clima foi de austeridade, o que precisou se desfazer para que a tarefa de colocar o navio no mar fosse cumprida.

O jovem capitão precisou cuidar de muitas outras questões, que pareciam manter o navio preso ao porto. Primeiro foram problemas burocráticos, que o Sr. Burns arranjara antes da chegada do novo capitão. Depois, dificuldades mais graves surgiram. O porto em que estavam atracados era pestilento e a tripulação ali parada foi adoecendo. Apesar de todos os acometidos terem recebido tratamentos, o médico responsável alertou que precisariam de mais tempo antes de partir. Mas o jovem capitão já não aguentava mais a espera. Estando todos em condições razoáveis, decidiu que partissem.

Zarparam e o jovem acreditava que, no mar, poderiam encontrar a paz almejada e cumpriria sua missão. No entanto, novos imprevistos surgiram. Primeiro a falta de vento. A sensação do navio que não se movia foi se tornando muito angustiante. Depois, a tripulação voltou a ficar doente. Desta vez, em alto mar, sem movimento, descobriram que o estoque de medicamentos havia sido adulterado, possivelmente pelo antigo capitão. Tudo parecia desmoronar e conduzir a um fim catastrófico. O jovem capitão responsabilizava-se pesadamente por tal previsão.

Todos pareciam se revezar para ficar em pé e tentar manter o navio seguindo adiante. Quase moribundos, mas buscando formar um time vivo. Estas condições foram parecendo cada vez mais difíceis e, como se não bastasse, uma forte tempestade se anunciou. A trama chega ao seu ápice dramático.

O jovem capitão estava cada vez mais desolado, mas tentava manter-se firme em sua tarefa de levar o navio com a tripulação ao seu destino. Embora ele próprio tivesse pensado por vezes que o destino a que navegavam estivesse mais próximo do fim da vida, buscou executar o trabalho de capitão. Enfrentaram a tempestade.

Depois de tantas dificuldades, navegando por uma linha que parecia se passar entre a vida e a morte, entre a loucura e a sanidade, finalmente conseguiram chegar ao porto de destino. O jovem capitão afirmou não ser mais o mesmo, tendo atravessado uma linha entre a juventude e a maturidade.

ENTRETECENDO HISTÓRIAS

Cada curva de vereda tem suas seduções. E não porque se trate de um país desconhecido. Sabe-se muito bem que a humanidade já trilhou aquela senda. É o encanto da experiência universal, da qual se espera extrair uma sensação incomum ou pessoal – um algo que seja só nosso (Conrad, 2003, p. 15).

É assim que logo no início do texto é apresentada a jornada do narrador, em que ele próprio conta sua história com a passagem do tempo. Conta de uma trilha pela qual outros antes dele já teriam seguido, mas foi necessário que ele próprio atravessasse. Trata-se de uma experiência subjetiva, particular em que ele fala da passagem da mocidade para a maturidade, separadas por uma linha de sombra.

Mas aqui tomamos tal narrativa como uma metáfora para que se pense em travessias pela vida, no trânsito pelo Desconhecido. E é com Freud (1996a) que buscamos compreender a importância das obras literárias para se pensar no ser humano, pois os escritores alcançam lugares a que a ciência ainda não pode chegar. Eles vão como desbravadores à frente na compreensão do que se passa no mais íntimo. É notório que tanto escritores como os psicanalistas têm diante de si o mesmo objeto e, por mais que possam tomar caminhos e ter tempos diferentes, chegam aos mesmos resultados de compreensão das leis que regem as atividades inconscientes (Freud, 1996a). Com isso, pensamos que Conrad (2003) antecedeu o presente trabalho, ao falar acerca do atravessamento do Desconhecido. Não porque se referiu a algo inédito à humanidade, mas seria o encontro com uma experiência individual.

Imaginamos aqui um novo bebê humano vindo ao mundo. Outros milhares já nasceram e cresceram. Já passaram pela experiência de descobrirem a novidade que é encontrar um seio e se nutrir. É possível que carregassem em si a expectativa de um seio, a concepção de que seriam alimentados, de que haveria um encaixe e que por trás deste haveria uma sustentação de uma família e de toda uma sociedade (Bion, 1966b; Chuster et al., 2014). Mesmo assim, aquela experiência daquele bebê, com aquele seio, é única e será marcante, colorindo o vínculo que ali se estabelece e influencia muito na constituição de vínculos posteriores.

Percebe-se assim que, para cada trânsito na vida, para cada nova senda, é possível que se extraia experiência emocional e aprendizado únicos. Tal qual aconteceu com o jovem marinheiro, já mais velho do que um bebê, mas também com expectativas de encontrar algo novo, diferente, que o nutrisse mais do que a realidade em que ele se encontrava. E o jovem, com o auxílio do Capitão Giles, vai ao encontro de seu primeiro comando.

Aqui me encontrava, investido no comando num piscar de olhos, não conforme o desenrolar normal das questões humanas, mas mais como que por encanto. Eu deveria estar mergulhado em assombro. Mas não estava. Eu me assemelhava muito às pessoas dos contos de fada. Nada nunca os assombrava. Quando uma carruagem de gala completamente equipada é tirada de uma abóbora para levá-la a um baile, a Cinderela não faz exclamação. Ela entra serenamente e vai ao encontro de sua boa fortuna (Conrad, 2003, p. 54).

ARTIGO

É notável que tal comando surge na vida do jovem como um acontecimento por ele totalmente inesperado. Possivelmente havia uma história e uma carreira no mar que o levaram àquele lugar. Porém, a ideia de algo inédito e surpreendente o retira do lugar comum em que se encontrava. E este contato fica carregado de ares de ilusão, como se evidencia na passagem acima, na qual o marinheiro se compara com as personagens de contos de fadas. O ar de ilusão se aproxima de algo inerente a um processo de análise, pela importância de que se permaneça aberto ao que não se sabe (Favilli, 2014), sendo necessário para isso, segundo a autora, que se imagine que o que se encontrará será a bonança, da mesma maneira que os navegantes desbravadores deixaram seus portos acreditando. Cria-se, segundo ela, um espaço virtual, de ilusão. Ora, a referida autora está falando do que se passa em um processo de análise; Conrad (2003) falava de uma outra travessia. Mas, de certa maneira, ambos aqui se encontram, confirmando a ideia freudiana de que os escritores criativos se antecipam por tais veredas.

É interessante notar ainda na citação acima que o narrador parece antecipar o que está por vir. A personagem do conto de fadas por ele utilizada é a Cinderela, que recebe por magia um elegante traje, sapatos de cristal e uma pomposa carruagem. Porém, a magia tem um prazo de duração. Pontualmente, tudo se desfaz e a dama volta a ter os mesmos recursos de outrora. Da mesma forma, a ilusão do jovem capitão, que foi necessária para que ele pudesse ousar ir ao encontro de seu comando, é logo desfeita. Sem a ilusão, ele precisa lidar com problemas complexos, dispondo dos recursos que tem. Mas não é isso que faz parte do processo de crescimento?

E, sem dúvida, o futuro trouxe um monte de problemas. Havia dias em que eu costumava me lembrar do Capitão Giles com nada menos do que repulsa. Sua maldita argúcia tinha me posto neste emprego, enquanto sua profecia de “ficar com as mãos cheias” estava se realizando, fazendo com que tudo parecesse feito de propósito para pregar uma piada de mau gosto na minha jovem inocência.

Sim. Eu tinha as mãos cheias de complicações que eram muitíssimo válidas a título de “experiência”. As pessoas têm uma ótima opinião acerca das vantagens da experiência. Mas nesse contexto a experiência sempre significa algo desagradável, enquanto contrária ao charme e inocência das ilusões (Conrad, 2003, p. 81).

É neste ponto que o herói parece ter se encontrado com a realidade, sem tantas ilusões, dando-se conta de que a carruagem se refez abóbora, trazendo o pesar. Isso se passava quando ainda aportado, mas ele precisava lidar com obstáculos para poder colocar seu navio em movimento. Contudo, no momento de quebra de ilusões, ainda não se alcançaram as vantagens do aprender pela experiência. Seria um momento rumo ao crescimento, mas, conforme Bion (1973), as situações de crescimento e maturação trazem algo até mesmo odioso, envolvendo a necessidade da submissão do princípio de prazer ao princípio de realidade, sendo especialmente doloroso, segundo o autor, porque implica a perda do controle do prazer-desprazer em função de forças externas à personalidade.

Frente à grande frustração com a realidade que se apresenta, podemos pensar em dois diferentes caminhos: tolerá-la, modificando-a; ou não tolerá-la, fugindo dela (Bion, 1994b). No caminho da tolerância, tem-se a união de uma

preconcepção com a frustração, dando origem aos pensamentos. Para o referido autor, seriam situações como essas, de privação em momentos muito iniciais da vida, que originariam um aparelho para pensar os pensamentos e, concomitantemente, originar-se-ia o princípio de realidade. Toda essa construção favorece a tolerância à frustração e proporciona uma expansão do universo mental. Seria um caminho de criatividade (Bion, 1994b).

No outro caminho, da não tolerância à frustração, a conjunção de uma preconcepção com uma frustração torna-se não um pensamento, mas um objeto mau, passível apenas de evacuação. Assim, o aparelho de pensar fica impossibilitado de ser erigido e o que se tem pode ser considerado um aparelho de identificações projetivas, onde pensamentos e objetos internos maus ganham o mesmo sentido, podendo apenas ser evacuados, o que acarreta um mundo interno empobrecido e desnutrido (Bion, 1994b).

Podemos pensar no jovem capitão, então, como um exemplo de alguém criativo, com condições de optar pelo caminho da modificação da frustração, tolerando-a, suportando o ódio despertado por esta. Imaginamos aqui que o capitão poderia conter em sua mente o caos, por mais difícil que a situação pudesse ser. Até que, nutrido pela ideia de paz em alto mar, o jovem pode colocar seu navio em movimento.

Depois do pôr-do-sol eu saí de novo ao tombadilho para encontrar somente um vácuo inerte. A crosta fina e isenta de características marcantes da costa não se podia distinguir. A escuridão levantava-se em volta do navio como uma misteriosa emanção das águas mudas e solitárias. Eu me debrucei no balaústre e voltei meus ouvidos para as sombras da noite. Nem um ruído. Meu comando bem poderia ser um planeta voando vertiginosamente dentro de sua rota fixa, num espaço de infinito silêncio. Eu me agarrei ao balaústre como se meu senso de equilíbrio estivesse me abandonando para sempre (Conrad, 2003, p. 90).

O herói, já tendo transposto difíceis estados emocionais, pode depois adentrar a escuridão. Assim, com estes tons, começa a navegação na história aqui contada. Interessante pensar na ilustração: a escuridão, um espaço infinito e silencioso, elementos que parecem retirar o equilíbrio do protagonista. Conrad (2003) superou-se aqui na descrição de uma cena que pode muito bem ser pensada como um primeiro contato com o Desconhecido. Contato que parece ser possível quando de um desencarnar-se, quem sabe, acompanhado de um encarnar-se.

Correntes misteriosas nos levavam à deriva de lá para cá, com uma força sub-réptica manifesta na mudança de vista das ilhas que ladeavam a costa leste do Golfo. E havia ventos também, espasmódicos, e enganosos. Eles traziam esperanças apenas para projetá-las no mais amargo desapontamento, promessas de avanços terminando em terreno perdido, expirando em suspiros, morrendo para uma calma muda na qual as correntes faziam tudo como lhes aprazia – como aprazia um inimigo (Conrad, 2003, p. 101).

É uma falta de movimento, de energia propulsora, que toma conta da trama. Enquanto internamente o capitão vai ficando cada vez mais desesperado, uma impotência impera. É mesmo uma frustrante realidade se apresentando, apesar de todos os esforços para modificá-la. Mas imaginamos aqui esta

ARTIGO

passagem também como uma alegoria para que se pense em uma condição psíquica, um duelo entre Eros e Tânatos. Um navio todo equipado para poder se movimentar, um jovem capitão desejoso de navegação, mas depara-se com a ausência de vento e com a tripulação adoecendo. A vida urgindo para acontecer, mas uma paralisia moribunda toma todo o espaço. Eros pode ser entendido como presente nas ligações, na continência, na criação, nos vínculos; Tânatos aparece na energia que se ausenta, no que se desagrega, na entrega à desistência. Tal luta aparece de maneira intensa na obra. Como se o caminhar rumo ao novo exigisse um mergulho na escuridão e este não poderia se dar sem deixar as pulsões à flor da pele. É na dança destas forças que se desenha o traçado da vida e, em momentos de criação, é preciso uma nova coreografia, por vezes um descompasso para novos passos.

Quanto a mim, nem a minha alma tinha têmpera dura, nem minha imaginação encontrava-se adequadamente sob controle. Havia momentos em que eu sentia, não só que iria enlouquecer, mas que já havia enlouquecido... Eu era como um carpinteiro louco fazendo uma caixa. Por mais que ele estivesse convencido de ser o Rei de Jerusalém, uma caixa que ele fizesse seria uma caixa sã (Conrad, 2003, p. 119).

Nesta passagem, o herói demonstra como a pressão, oriunda do caos, já superou os limites da sanidade. Ele necessitava de uma mente que pudesse conter também sua própria loucura. Mas, além disso, precisava continuar navegando. Era a maneira de sobreviver. Ele se agarrou à técnica de fazer uma caixa, como um caminho que encontrou para seguir adiante.

Pensamos aqui na técnica psicanalítica, na proposição de Bion (1990) para que se siga em frente, adentrando o Desconhecido: manter-se sem memória, sem desejo e sem compreensão. Seria esta como a ideia de um fio que, apesar de adentrar um labirinto, de enfrentar monstros, de inebriar-se, possa conduzir ao caminho de volta. Assim seria possível navegar pelo escuro e caótico.

Eu me movi para a frente também, fora do círculo de luz, para dentro da escuridão que se erguia à minha frente como uma parede. Com um passo eu a penetrei. Tal deve ter sido a escuridão antes da criação do mundo. Ela se fechara atrás de mim. Eu sabia estar invisível ao homem do leme. Nem eu tampouco via qualquer coisa. Ele estava só, eu estava só, cada homem estava só onde se encontrava. E todas as formas haviam desaparecido também, vergoneta, vela, guarnições, balaústres; tudo estava riscado ali pela apavorante uniformidade daquela noite absoluta (Conrad, 2003, p. 134).

Na obra, este seria um momento-chave: ou se chegaria a uma guinada, ou ao trágico fim. Era o encontro com a tempestade, depois de tanta espera. Embora a tripulação estivesse unida, com todas as suas forças tentando formar um todo vivo, o impacto esperado era grande e as condições eram, como se lê, de absoluta escuridão. Mais uma vez pensamos aqui nas ideias de Bion (2008), no mergulho na escuridão, para que desta possa se apresentar um feixe de luz. É impressionante como Conrad (2003) coloca o movimento depois da tempestade, sendo no encontro com a turbulência, anunciando-se como catástrofe, que o navio pode finalmente andar. Pensamos nos pontos de mudança na vida. Quando dotados de medo das caudalosas e turbulentas águas da vida, não se vive, paralisa-se, não se encontra expansão mental. A vida pode ser no conflito.

“O navio está nos levando agora. Só o que podemos fazer é dirigi-lo...” (Conrad, 2003, p. 145). Assim também é possível pensar a realidade, a vida, o mergulho no Desconhecido. Algo que leva, só o que se pode fazer é tentar dirigir. Sem controle algum sobre a escuridão, sobre o negativo do qual se revela a vida, só se pode contornar as intempéries, tolerar o caos, estar no Desconhecido, para então modificar e também criar a própria realidade.

APORTAR

Entendemos que aqui foi possível pensar um caminho para nos abriremos à reflexão acerca do Desconhecido, baseando-nos nas proposições bionianas e na obra de Conrad (2003), como um exemplo de travessia. Pudemos entremear algumas ideias psicanalíticas com o humano expresso no artístico, enquanto uma possibilidade dentre tantas outras. Deste modo, o Desconhecido, sendo um desdobramento do conceito de O, é uma proposta para que se pense em múltiplas realidades, em possibilidades de criação. Isto por envolver a ideia de sempre se buscar a abertura para o novo, para a expansão.

Nas ideias aqui apresentadas, o caminho rumo ao novo implica condições de se desenvolver um aparelho mental capaz de continência e de pensar pensamentos, favorecendo a expansão, a criação. Mas para isso é necessário que se vivencie também um espaço de ilusão. Depois, mesmo que a realidade se apresente rompendo com tal espaço, bons recursos internos podem manter a navegação. Então, segue-se adiante mesmo com ódio, mesmo com loucura, mesmo com o caos, pois manter uma abertura para o Desconhecido e conseguir tolerar toda a escuridão e os pesares deste disruptivo encontro não é fácil, mas parece ser fundamental para a criação da vida.

Destarte, paciente e analista, quando em encontros analíticos, têm diante de si uma travessia assustadora, rumo ao Desconhecido, mas igualmente fascinante quando podem e se permitem navegar por mares tão assombrosos, enfrentando momentos avassaladores, dos quais podem surgir descobertas, criações, onde o belo pode se traduzir em toda a sua potência multidimensional.

REFERÊNCIAS

- Berlino, C. M. (2017). *Navegar pelo Desconhecido: contribuições da literatura e da psicanálise*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, PR, Brasil.
- Bion, W. R. (1966a). *O aprender com a experiência* (J. Salomão, P. D. Corrêa, Trans.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1962).
- Bion, W. R. (1966b). *Os elementos da psicanálise* (J. Salomão, P. D. Corrêa, Trans.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1963).
- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação* (C. H. P. Affonso, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).
- Bion, W. R. (1974). *Atención e interpretación*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1970).
- Bion, W. R. (1990). Notas sobre memória e desejo. In E. Spillius (Org.), *Melanie Klein hoje: Artigos predominantemente técnicos* (Vol. 2, pp. 30-34). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967).
- Bion, W. R. (1994a). Sobre a arrogância. In W. R. Bion, *Estudos psicanalíticos revisados* (W. M. M. Dantas, Trad., pp. 101-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957).

ARTIGO

- Bion, W. R. (1994b). Uma teoria sobre o pensar. In W. R. Bion, *Estudos psicanalíticos revisados* (W. M. M. Dantas, Trad., pp. 127-137). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962).
- Bion, W. R. (2008). *Brazilian lectures*. Londres: Karnac. (Trabalho original publicado em 1990).
- Chuster, A.; Soares, G.; & Trachtenberg, R. (2014). *W. R. Bion: A obra complexa*. Porto Alegre: Sulina.
- Conrad, J. (2003). *A linha de sombra* (M. A. V. Acker, Trad.). São Paulo: Folha de São Paulo. (Trabalho original publicado em 1917).
- Favilli, M. P. (2014). Psicanálise: território descoberto, território a descobrir. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(1), 113-120.
- Figueiredo, L. C. (1993). Fala e acontecimento em análise. *Percurso*, 11(2), 45-50.
- Freud, S. (1996a). Delírio e sonhos na Gradiva de Jensen. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 9, pp. 13-88). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).
- Freud, S. (1996b). Escritores criativos e devaneio. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 9, pp. 131-143). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).
- Rezende, A. M. (2005). *Introdução à psicanálise de Bion: "Transformações" variáveis e invariantes* (Vol. 2). Campinas: Febrapsi. Recuperado em 30 jan. 2016, de <https://pt.scribd.com/document/383158803/Espaco-Antonio-Muniz-de-Rezende-150-Iniciacao-a-Psicanalise-de-Bion-Segundo-Volume>
- Sófocles (2008a). Édipo Rei. In M. G. Kury (Org. & Trad.), *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona* (pp. 17-99). 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sófocles (2008b). Édipo em Colono. In M. G. Kury (Org. & Trad.), *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona* (pp. 100-198). 13. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Trinca, R. T. (2012). *O Real nos fatos clínicos psicanalíticos: Entre o esquecimento e a sua visitação*. (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em 11 maio 2015, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-04102012-152945/pt-br.php>
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971).